

## Discursos e suportes literários informatizados atribuem a autor e leitor novos papéis?

Rogério de Souza Sérgio Ferreira\*  
Mara Alice Sena Felipe\*\*

### RESUMO:

Este trabalho busca estabelecer uma análise das presenças do leitor e do autor diante dos novos suportes virtuais informatizados. Para tal, traz algumas questões em torno da construção e do uso do hipertexto como ferramenta no fazer literário.

**Palavras-chave:** Hipertexto. Leitor. Suportes. Literatura.

O novo suporte do escrito não significa o fim do livro ou a morte do leitor. O contrário, talvez.

Roger Chartier

A discussão sobre a presença da escrita colaborativa permitida pelo computador e mesmo a ciberliteratura tendo a hipertextualidade como ferramenta, promove questionamentos acerca da noção de autoria e leitura. Contudo, longe de apenas afirmar que o hipertexto confere ao leitor um papel semelhante ao do autor – na medida em que lhe é permitido organizar trechos de leitura ao clicar em palavras-chave, escolhendo caminhos, sem levar em conta a proposta do autor ou sua intenção – é preciso considerar os diversos tipos de leitura, texto e autoria. Mas, as mudanças na presença do autor diante da informatização também não podem ser ignoradas. O processo de criação de hipertextos passa, quase que necessariamente, pela leitura de outros documentos hipertextuais disponíveis, os quais poderão ser associados ao hipertexto em elaboração. O autor, portanto, ao estruturar seu documento, lê, avalia e estabelece ligações com outros documentos que possam contribuir para o entendimento de seu ponto de vista ou servir como bibliografia sugerida sobre o assunto abordado.

Com a incorporação de sons e imagens aos textos, em uma rede de nós interligados, certamente a escrita hipertextual requer habilidades adicionais de seus autores. Algum tipo de reação pode ser esperada do público, pois é comum condenarmos aquilo que nos parece estranho ou diferente do padrão que nos foi transmitido através dos milhares de anos desde a invenção da escrita. Barthes (2000, p. 76) é enfático ao afirmar que a multiplicação das escritas é um fato moderno que obriga o escritor a uma escolha, faz da forma uma conduta e provoca uma ética da escrita. Refere-se a esta como um “verdadeiro mecanismo independente que cresce ao redor do ato literário”, assim

a todas as dimensões que desenhavam a criação literária, acrescenta-se doravante uma nova profundidade, constituindo a forma por si só uma espécie de mecanismo parasita da função intelectual. A escrita moderna é um verdadeiro mecanismo independente que cresce ao redor do ato literário, decora-o com um valor estranho à sua intenção, compromete-o continuamente com um duplo modo de existência, e superpõe ao conteúdo das palavras, dos signos opacos que carregam em si uma história, um compromisso ou uma redenção segundas, de modo que à situação do pensamento se mescla um destino suplementar, muitas vezes divergente, sempre embaraçoso, da forma (BARTHES, 2000, p. 76).

O objeto-livro parece perdido se pensarmos nas condições de acesso oferecidas pela Rede, ainda que se possa considerar a possibilidade de imprimir o conteúdo oferecido em uma produção *on-line*, já que o texto adquire uma função de fluxo imaterial cujo suporte é inacessível ao leitor, o que pode acarretar o forte estremecimento das relações do triângulo autor/ texto/leitor. A figura autoral, essencial na literatura ocidental, importante a ponto de ter seu nome estampado na capa do livro, agora pode ficar anônima ou ter a coparticipação de outros, anônimos ou não, a partir do processo de escrita colaborativa permitido pela internet. Da mesma forma que Foucault (1992) questionou a posição autoral em sua obra *O que é um autor?*, tal pergunta também é feita em tempos digitais pelo ensaísta Jean Clément (2004). Para ele, com a chamada revolução digital parece haver um apagamento parcial da figura do autor, uma vez que o texto perde o que sustenta, em parte, sua autoridade, destronada pela possibilidade de publicação em rede. Uma inegável desestabilização. A questão sobre autoria e as possibilidades abertas pelo uso do hipertexto são analisados por Clément (2004), para quem o autor sempre pareceu tratar-se

de uma figura quase inteiramente construída para responder a uma necessidade: tal texto que leio foi escrito por alguém que posso identificar e cuja existência é como que a garantia do texto. Essa garantia é geralmente reforçada pelas instâncias autorizadas: a escola, as mídias, os editores. [...] A proliferação de autores conduz de fato a uma desvalorização da noção de autor (2004, p. 34).

Foucault (1992) afirma que a escrita é um jogo ordenado de signos que se deve menos ao seu conteúdo significativo do que à própria natureza do significante. Assim, pode desdobrar-se como se fosse um jogo que iria além das próprias regras, extrapolando-as. Pois, “não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever, nem da fixação de um sujeito numa linguagem; é uma questão de abertura de um espaço onde o sujeito da escrita está sempre a desaparecer” (FOUCAULT, 1992, p. 35). Ao mesmo tempo, é preciso considerar que a presença do computador não inaugura tal discussão, apenas a acirra, fazendo parecer que a virtualidade e suas complexidades modificam os lugares da autoria e da leitura de forma definitiva. Mais sensato é pensar que a virtualidade não altera a posição da autoria e da leitura exclusivamente, mas apenas explicita esse procedimento em outro suporte.

A construção do hipertexto baseado no princípio da não-linearidade pode funcionar de fato como um facilitador na compreensão durante a leitura de um texto, mas há uma quebra, um fracionamento que representa riscos ao leitor iniciante, ainda não acostumado aos meandros da escrita labiríntica que o ciberespaço pode abrigar. Ao navegar pelos espaços de leitura aberto por inúmeras passagens as características que garantiriam a continuidade do fluxo semântico responsável pela coerência, tal como ocorre em uma leitura de um texto convencional, pode ser comprometida e levar o leitor não só a dispersão, mas ao abandono do texto em tela.

Este ambiente navegável está aberto ao passeio do leitor curioso, em busca de possibilidades de leitura, um verdadeiro campo de provas a ser desbravado. Assim é, se pensarmos em como George Landow (1992) aborda o assunto hipertexto ao afirmar tratar-se de um laboratório onde as hipóteses levantadas e sustentadas teoricamente poderiam ser testadas. Uma formulação que, na atualidade, encontramos estruturada ora sob a forma de quadros teóricos, ora sob a forma de experimentos textuais possíveis de serem realizados nos computadores. Dentro desta compreensão, alguns aspectos se configuram como pontos de encontro dos dois modos de operar: textualidade, narrativa e as fronteiras existentes entre o leitor e o autor.

Seja em que formato o hipertexto literário se apresente, certamente exigirá do leitor uma ação mais incisiva, abrindo mão da passividade que ainda poderia obstar à pluralidade desafiadora

do texto literário. Ao leitor mudo e impassível diante do texto impresso, o livro ainda impõe sua presença “esfíngica”. A participação direta do leitor é parte integrante e essencial da hipertextualidade informatizada, porque cabe a ele a responsabilidade de dar a devida coerência de leitura, nesse campo minado de referências que o autor lhe entrega.

Esse percurso não-linear faculta novos gabaritos de intervenção por parte dos leitores. Pierre Lévy (1997, p. 72) ressalta que, na comunicação escrita tradicional, os recursos de montagem são utilizados no momento da redação. Uma vez impresso, o texto material mantém uma certa estabilidade, à espera das desmontagens e remontagens de sentido a que o leitor irá se entregar. Já o hipertexto digital aumenta consideravelmente o alcance das operações de leitura. “Sempre num processo de reorganização, ele [o hipertexto] propõe uma reserva, uma matriz dinâmica a partir da qual um navegador-leitor-usuário pode criar um texto em função das necessidades do momento”.

A literatura nesse contexto se transforma então em uma malha de hipertextos que podem ser interligados e onde podemos adicionar, retirar e modificar partes. Os fluxos interativos da Internet incrementam a composição literária coletiva, através de hipertextos que constroem romances, contos e poemas com a interferência de usuários. A obra desliza pelo monitor numa espécie de cibercolagem de interferências coletivas. A antiga estrutura do texto final convive agora com a escrita não-linear, sequencial e atualizável do espaço virtual.

Segundo Lúcia Leão (1999), o que define a trama do tecido *complexus* é que este se forma através de um jogo circular onde os binômios ordem/desordem, acaso/determinação, interação/retroação se conjugam de forma infinita e simultânea.

Cada nó da rede, cada *home page*, cada página de CD-ROM devem ser concebidos a partir dos princípios de clareza, coerência, rigor, ordem, precisão. Dessa forma, a simplicidade e a clareza são elementos constitutivos, pontes de passagem para uma complexidade maior. Um sistema hipermidiático tem como fundamento a articulação, a organização da complexidade. Podemos dizer que a hipermídia só se realiza quando ocorrem interações entre os pares complementares (LEÃO, 1999, p. 64).

Essa diversificação de informações pode ser vista como aquilo que Barthes aponta como texto escrevível, que apresenta redes que são “múltiplas e se entrelaçam, sem que nenhuma possa dominar as outras”, um texto que oferece “uma galáxia de significantes, não uma estrutura de significados; não tem início; é reversível; nele penetramos por diversas entradas, sem que nenhuma possa ser considerada principal” (1992, p. 12). Desta forma, o hipertexto eletrônico e a cibercultura podem trazer inovações à teoria do texto e, com a interatividade, o aparecimento de novos gêneros.

Na leitura clássica (livros e textos impressos), o texto e o leitor interagem num processo também hipermediático, pois a leitura é composta de múltiplas conexões à memória do leitor, às referências, aos índices, que podem jogá-lo para além e aquém da estrutura linear do texto. Todo documento escrito também pode ser pensado como um hipertexto onde o motor da interatividade se situa entre a memória subjetiva do leitor e a interatividade em relação ao objeto livro. Poderíamos exemplificar dizendo que um livro como “Jogos de Amarelinha”, de Cortázar ou “Se um viajante numa noite de inverno”, de Ítalo Calvino, são interativos. A interatividade aqui é subjetiva e individualizada, referindo-se a conexões à nossa memória literária, nossa capacidade de imaginar e penetrar no universo do autor, de buscar referências dos pés de página e notas do tradutor que nos remetem de um texto a outro.

Com o suporte da informática e de novos meios esta modalidade permite percorrer de forma ainda mais ágil os labirintos da literatura que invade o universo digital contemporâneo. O que se deve

ter em mente é que não há ruptura com a leitura clássica, mas uma crescente aceleração do processo de interação, o que também significa dizer que isto ocorre em ritmos variáveis.

Os sistemas hipermediáticos oferecem o suporte maleável e multidimensional mais adequado para exprimir o pensamento em sua complexidade do que os meios que dispúnhamos anteriormente, a oralidade e a escrita. Sabe-se que a mente humana não segue uma linha de raciocínio linear, tal qual o suporte impresso nos exige assumir. Mesmo a oralidade nos limita a uma só voz que, também, obrigatoriamente, segue no seu narrar. [...] Um dos limites impostos pela escrita (quer seja ela em barro, papiro ou papel) é que ela promove uma fixação estável do pensamento. Com os computadores, estamos vivendo um outro tipo de experiência, o da ilimitada mutabilidade (LEÃO, 1999, p. 65).

Para Pierre Lévy (1999) muitas obras da cibercultura não possuem limites nítidos. São janelas abertas, não apenas porque admitem uma multiplicidade de interpretações, mas porque são fisicamente acolhedoras para a imersão ativa de um explorador e por serem material e virtualmente interpenetradas nas outras obras da rede. Quanto mais explorarem as possibilidades oferecidas pela interação, pela interconexão e pelos dispositivos de criação coletiva, mais serão típicas da cibercultura.

[...] as imagens e o texto são, cada vez mais, objeto de práticas de sampling e de remixagem. Na cibercultura, qualquer imagem é potencialmente matéria-prima de uma outra imagem, todo texto pode constituir o fragmento de um texto ainda maior, composto por um 'agente' de software durante determinada pesquisa (1999, p. 150).

A diferença entre o hipertexto-livro e o hipertexto no ciberespaço está no fato de que no ciberespaço o elemento velocidade faz toda a diferença, a conexão é em tempo real, imediata, permitindo passar de uma referência a outra, sendo a conexão imediatamente disponível – dependendo do caso a conexão sim, mas não o “contato” com o(s) sujeito(s) produtor(es), o que só ocorre excepcionalmente. Em relação ao livro, esta conexão exige uma vinculação com o corpo, além da memória e da subjetividade “presente”. Exige a busca em outros livros pela referência, o trabalho físico de se ausentar de perto do livro para interagir com um outro. Utilizando o computador é possível passar de uma referência a outra, de servidor a servidor, de país a país com um simples *click* do *mouse*, em um universo de informações navegável de forma instantânea e reversível.

O momento atual é bem particular no que diz respeito aos processos de transmissão e das formações de saberes e discursos. Período em que como afirma Fernando de La Flor (apud Furtado, 2006, p.20), de um modo aparentemente paradoxal, os suportes até então privilegiados para a fixação da literatura parecem prestes a perecer com a chegada veloz de novos formatos e recursos tecnológicos. Para ele, se anuncia, por um lado, a iminência do fim do reinado do livro, na medida em que estamos, pelo menos imaginariamente, perante a evidência do retrocesso da cultura tipográfica a favor de um novo domínio de meios prioritariamente audiovisuais; mas, por outro, não pode deixar de se reconhecer simultaneamente o momento climático da eclosão da cultura baseada na tipografia.

De fato, este é o tempo em que o que se mostra como produto de uma indústria, ou indústrias, diversificadas, estendeu finalmente seu domínio a toda órbita do social, sem distinções nem níveis, e isso como instrumento ideal de uma *mass cult*, dotada de uma imensidão de registros e níveis. A atual cultura obesa do livro – grandes quantidades de títulos lançados ao mercado, sendo muitos de qualidade questionável – parece apontar para uma produção livresca voltada para a acumulação

supérflua de objetos em que o saber estéril fez crescer em muito a literatura de um tipo secundário, baseada no discurso da citação e da fartura de ‘novidades’ nas prateleiras das livrarias.

Talvez este pensamento comungue com a afirmação de Darnton (1995, p. 111) de que a multiplicação espantosa dos estudos e publicações vai além de um campo de estudos, na verdade “mais do que um campo, parece uma exuberante floresta tropical”. Para ele, ao invés de se aterem a detalhes técnicos do material impresso, os trabalhos publicados sobre história do livro, editoração e presença do livro eletrônico, “buscam entender como as idéias eram transmitidas por vias impressas e como o contato com a palavra impressa afetou o pensamento e o comportamento da humanidade” (1995, p. 109).

A presença do livro por tanto tempo na sociedade representa mais que um sintoma das circunstâncias da cultura atual, que passa por velozes transformações. A avaliação dos novos suportes implica mobilizar relações complexas entre processos de desenvolvimento tecnológico, práticas e instituições sociais e culturais, bem como a instauração de hierarquias e formas de dominação material e simbólica. O formato impresso sempre foi, inquestionavelmente, o centro das atenções no que se refere à preservação da literatura e dos escritos de grande valor, e mesmo do próprio livro e sua presença enquanto suporte preparado e acolhido na “biblioteca”. Derrida (2004) indica esse recinto como substantivo, em sua memória mesma, mas antes no que se refere ao lugar onde se trata do livro, conhecido como (*biblion*)<sup>1</sup>. Tal indicação em grego mostra a passagem em que *biblion* nem sempre quis dizer “livro”, nem mesmo “obra” [*ouvrage*].

“obra” é outra coisa ainda, que talvez nos leve às paragens de um grave problema, o das relações vindouras entre a forma do livro, o modelo do *livro*, por um lado, e uma *obra* em geral, um *opus*, a unidade ou o *corpus* de uma *obra* [*ouvre*] delimitada por um começo e um fim, uma totalidade, portanto, supostamente concebida e produzida, até mesmo assinada por um autor, um único autor identificável, e proposta à leitura respeitosa de um leitor que não toca na obra, não a transforma em seu interior – de maneira, como se diz atualmente, “interativa” (DERRIDA, 2004, p. 20-21).

Também se incluem neste aspecto as ações que envolvem ler e escrever como práticas de uma cultura do mundo moderno até aqui responsáveis pela regulação e conservação de objetos culturais. Formas suplementares emergentes em suporte eletrônico e digital implicam em inovações na transmissão da informação e do conhecimento, mas certamente induzirão a reformulações mais amplas que atingem a organização cultural e social.

Para Chartier (1999), de fato o modo como o homem tem se relacionado com a cultura escrita passa por uma dupla alteração, uma vez que a revolução do texto eletrônico é ao mesmo tempo uma revolução da técnica de produção e de reprodução dos textos, e também uma revolução do suporte da escrita e das práticas de leitura:

O aparecimento do *codex* impõe uma nova forma de livro e novas relações com a escrita, mas sem alterar a técnica de reprodução dos textos, que continuou a ser a da cópia manuscrita; a invenção da imprensa revolucionou essa técnica mas permaneceu fiel à forma do livro, o *codex*, que lhe era muito anterior; por fim, a “revolução da leitura” do século XVIII provocou uma profunda transformação das práticas, sem modificar as condições fundamentais que regiam a produção do livro. Hoje, os três registros de mutações (técnica, morfológica, cultural) encontram-se estreitamente ligados (CHARTIER, 1999, p. 179-180).

A ideia de reconfiguração na “ordem do livro” como hegemônico nos campos cognitivo, cultural e político envolve também maneiras de produzir saber, sentido e sociabilidade, o que parece estar em

franco processo de desvanecimento com as atuais práticas permitidas pelo acesso a internet e suas ferramentas de utilização da *World Wide Web*. Steiner (2001) não hesita em lembrar que mudanças fundamentais no estado do textual, do livro concebido como idioma da mente ou como fonte da vitalidade do espírito tocam a substância da filosofia, da lei e até mesmo das doutrinas políticas, da história e da literatura ocidentais, enfim,

A nossa experiência do passado, as nossas práticas de memória, são livrescas em todo o sentido do termo. De um modo quase impensado, entendemos, imaginamos livros quando refletimos sobre a criação e a invenção, sobre as relações do pensamento e da imaginação com o tempo, sobre o arquivo dos erros e do conhecimento (STEINER, 2001, p. 235-236).

Hoje, a interatividade permitida pelo computador dá voz ao interlocutor, deixando no passado a imposição dos meios de comunicação tradicionais, que permitiam apenas a difusão de informação de maneira unilateral, sem questionamentos imediatos, respostas rápidas e automáticas. O fluxo informacional disponível na Internet pode ser reorientado ou interrompido em tempo real, em uma nova forma de diálogo que permite a convivência entre posições contrárias, ou mesmo complementares se pensarmos que a cada *link* percorrido um novo hipertexto pode estar sendo aberto, e o navegador/leitor pode acrescentar dados, imagens, outros acessos ao hipertexto original. Estabelece-se um tipo de comunicação não só de um para todos, mas de todos para todos, aumentando o acesso a inúmeros conteúdos e relatos. O compartilhamento de informações sob a forma de textos, sons e imagens, proporcionados pelos hipertextos, promovem o desenvolvimento de novas relações com as fontes do saber e o desenvolvimento de outros modelos de construção do conhecimento onde a aprendizagem possa tornar-se não só coletiva, mas cooperativa. O ato de leitura traz a possibilidade de retorno imediato, às vezes interativo, as necessidades de resposta do leitor.

Em contrapartida, com toda a revolução tecnológica em andamento, ainda é preciso assinalar que vivenciamos um tipo de cultura obesa do livro que parece apontar, antes de qualquer ideia precipitada de fim, uma produção de livros em que predomina o conteúdo superficial e variedades, como uma interposição de citações e discursos que validam tais propostas literárias. Derrida (2004, p. 31) avalia este crescimento quantitativo do papel como “secundário”, ou “aquele que não tem a ver com a primeira inscrição [...] ou então, o que está ligado apenas à impressão mecânica ou a reprodução do escrito ou da imagem”. Na verdade, o que decresce é o papel “primário”, o local de instauração de um traço original, voltado para o inovador e a invenção, para a escrita com pena, lápis ou à máquina de escrever. Derrida enfatiza o fim da hegemonia do papel, fim estrutural, ou antes uma tendência a retirada, mas não uma evidência de morte, ao contrário, acredita que

No tempo da sua retirada ou redução, a produção do papel para reprodução, a transformação e o consumo do papel para impressão podem aumentar em quantidade e mais depressa do que nunca. A redução do papel não é uma rarefação. Neste momento, é mesmo bem o inverso (DERRIDA, 1997, apud FURTADO, 2006, p. 21).

Chartier (2002), destaca que a revolução tecnológica propiciada pela prensa de Gutenberg, e as que a sucederam nos séculos seguintes, geraram uma oferta tamanha de livros impressos que mais do que gerar saber, causaram confusão. Para o autor, as novas tecnologias normalmente trazem em seu bojo o receio do novo, a desconfiança. Neste sentido, Chartier (1998, p. 9) esclarece que a nova tecnologia representada pela prensa de Gutenberg foi vista como uma forma de manipulação



do conteúdo “verídico” do texto em contraposição ao manuscrito copiado. Afinal, observa-se que “de modo geral, persistia uma forte suspeita diante do impresso, que supostamente romperia a familiaridade entre o autor e seus leitores e corromperia a correção dos textos, colocando-os em mãos ‘mecânicas’ e nas práticas de comércio”.

Muitos objetos usados na antiguidade tinham funções que não se ligavam diretamente à prática da escrita, mas eram fundamentais para a organização e reunião de tais textos como base futura de arquivo e pesquisa. Assim foi com o legado deixado pelas tábuas de argila na Suméria, ou ainda as feitas em madeira gravada que existiram no Oriente Médio e Ásia. Os antigos rolos, os in-fólio, os códex, até os livros modernos, estabeleceram relações diversas como suporte entre o texto e o leitor. Chartier (1998) aposta na tese de que um mesmo texto, apresentado em diferentes suportes, se traduz em diferentes significados ao leitor.

(...) a forma do objeto escrito dirige sempre o sentido que os leitores podem dar a aquilo que lêem. Ler um artigo em um banco de dados eletrônico, sem saber nada da revista na qual foi publicado, nem dos artigos que o acompanham, e ler o “mesmo” artigo no número da revista na qual apareceu, não é a mesma experiência. O sentido que o leitor constrói, no segundo caso, depende de elementos que não estão presentes no próprio artigo, mas que dependem do conjunto dos textos reunidos em um mesmo número e do projeto intelectual e editorial da revista ou jornal (CHARTIER, 1998, p. 128).

Com o intuito de ler os textos produzidos, a espécie humana utilizou durante séculos os recursos impressos disponíveis, como os rolos e os livros. Todo esse tempo de prática levou ao acúmulo de hábitos e experiências que foram sendo adaptados, modificados dentro de um repertório cultural e usados nas gerações seguintes. A capacidade de produção eletrônica instalada por novos suportes de leitura traz não somente a possibilidade de usos diferenciados mas, inovam nas abordagens com a produção de sentidos antes não imaginados. Mais especificamente, “(...) a obra não é jamais a mesma quando inscrita em formas distintas, ela carrega, a cada vez, um outro significado” (CHARTIER, 1998, p. 19).

Talvez seja preciso perceber, como indica Chartier (1999, p.13), que o computador renova a funcionalidade do texto e nesse sentido é um artefato revolucionário, pois o fluxo sequencial do texto na tela do computador, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler.

Exatamente por ser revolucionário, o novo suporte textual instaura desafios inéditos para quem escreve e para quem lê. Essa realidade pede uma análise desapaixonada porque implica na experiência, na ação de leitores presenciais. O que se detecta no momento, principalmente em ambientes acadêmicos que tratam do assunto, é um acúmulo de ansiedades que assistem a uma voraz e veloz “retração” ou o que se poderia chamar de redução no uso do suporte impresso (para usar uma expressão de Jacques Derrida, em *Papel-Máquina*, 2004), o que para o autor pode marcar o limite de uma hegemonia estrutural, até mesmo estruturante, modelizante, sem que com isso haja uma morte do papel, apenas uma *redução*, “a redução do papel, sem fim e sem morte, até uma mudança de dimensão, mas também até uma fronteira qualitativa entre produção e produção de reprodução” (2004, p. 223).

Para Derrida (2004, p. 222), a página continua sendo uma tela e, como tal, continua de muitas maneiras a ordenar um grande número de superfícies de inscrição, “mesmo ali onde o corpo de papel não está mais em pessoa, se é que se pode dizê-lo, continuando assim a frequentar o monitor do computador e todas as navegações a vela ou na tela na internet”. Derrida afirma que a questão do livro não chega a se confundir com a dos suportes. De modo “estritamente literal ou metonímico” não se deixou de falar em livros sustentados pelos mais diferentes suportes e formatos, “não apenas clássicos, mas a quase-imaterialidade ou virtualidade das operações eletrônicas, os ‘suportes dinâmicos’, com ou sem tela. Não é seguro que a unidade e a identidade da coisa denominada ‘livro’ sejam incompatíveis com as teletecnologias” (2004, p. 20).

À medida que um novo “padrão virtual” começa a existir, molda-se também o futuro da leitura no presente com o uso acelerado do meio eletrônico. Transformações surgem a partir do uso do suporte na prática pessoal de leitura em todo contexto literário. E, para dar velocidade às mudanças, o mercado surge como forte aliado dominando quase que por completo a leitura externa, possibilitada pelo uso da técnica e vultosos investimentos em suportes de leitura adequados às exigências dos leitores e prontos para ganhar as massas.

As práticas de leitura na rede e o perfil de um leitor cada vez mais imersivo, a ideia e a concretude em si de um texto fragmentado, descentrado e aberto, alardeado e abraçado por teorias da leitura e da literatura, expressam com ênfase um estágio supostamente mais avançado na cultura humana, o que talvez seja um indicativo de que a tecnologia eletrônica possa, de fato, abrigar um novo gênero literário exclusivo ao meio digital, e não só a ideia, mas o ideal do livro mudará, afinal o meio impresso não mais definirá a organização e a apresentação do conhecimento.

Para o teórico, isto não significa que a literariedade estará perdida pelo fato de uma possível “saída de cena” do formato impresso, mas significará o oferecimento de um novo tipo de livro e novas formas de ler e escrever. Conseqüentemente, segundo esse ponto de vista, o suporte revolucionaria as prerrogativas do leitor e alteraria tanto o poder do autor, quanto seu método de composição.

O que se observa nos relatos sobre as constantes mudanças que interferem no ato da leitura é que independentemente do suporte utilizado, do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias mudanças dividem a longa história das maneiras de ler. Para Roger Chartier (1999, p. 77), “elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão”. Contudo, pode haver uma continuidade muito forte entre a cultura do manuscrito e a do impresso, embora durante muito tempo se tenha acreditado numa ruptura total entre uma e outra. O escrito copiado a mão sobreviveu por muito tempo à invenção de Gutenberg, até o século XVIII, e mesmo o XIX.

Neste momento de tantas mudanças e tecnologização desenfreada, o que ainda podemos afirmar é que leitor, suporte e conteúdo se integram de forma inalienável sob um novo paradigma ainda incompreensível e carente de muitos estudos. Diante desta vasta possibilidade de usos de novos equipamentos o homem é dotado de livre-arbítrio para escolher e, mesmo que seja difícil fugir ao fascínio dos media, existem espaços abertos e linhas de escape em relação a algum tipo de determinismo tecnológico, que insira a tudo e a todos num quadro reducionista de causa-e-efeito, onde os acontecimentos se volatizam de acordo com a velocidade em que são processados. O que deve ser entendido é que as novas tecnologias envolvem um imaginário, mas sem aniquilar com todos os referenciais do real. Mais certo ainda é constatar que o homem contemporâneo vive em um mundo em movimento e que não há como se manter nos limbos da informação ou ignorá-la totalmente.



## Do discourse and computerized literary supports attribute new roles to author and reader?

### ABSTRACT:

This paper seeks to establish an analysis of attendance of the reader and author on the new computerized virtual media. To this end, some issues surrounding the construction and use of hypertext as a tool in literary writing.

**Keywords:** Hypertext. Reader. Support. Literature

### Notas explicativas:

\* Professor Adjunto da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

\*\* Doutoranda em Letras/Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

<sup>1</sup> Barbier (2008) explica que em grego a palavra livro chegou por meio de *biblion*, derivada de *biblos*, o nome do papiro do Egito: de onde numerosos outros derivados, como *biblioteca* (etimologicamente, o armário dos livros), mas também o nome do livro por excelência, a Bíblia, e aquele do livreiro em latim medieval, *bibliopolis*.

### Referências:

- BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita: seguido de novos ensaios críticos*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 240p.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad. Mary Del Priore. Editora UnB, 1998. 112p.
- \_\_\_\_\_. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1999. 159p.
- \_\_\_\_\_. *Os desafios da escrita*. Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002. 145p.
- CLÉMENT, Jean. Do livro ao texto: as implicações intelectuais da edição eletrônica. In: SUSSEKIND, Flora, DIAS, Tânia (Org.). *A historiografia literária e as técnicas da escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa; Vieira e Lent, 2004. 676p.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. Mídia, Cultura e Revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 330p.
- DE LA FLOR, F. R. *Biblioclasmo: por uma prática crítica de la lecto-escritura*. Salamanca: Junta de Castilla y Leon, Consejería de Educación y Cultura, 1997. 384p.
- DERRIDA, Jacques. *Papel-máquina*. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004. 360p.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. Antonio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 3 ed. Lisboa: Veja, 1992. 164p.
- FURTADO, José Afonso. *O papel e o pixel. Do impresso ao digital: continuidades e transformações*. Florianópolis: Escritório do Livro, 2006. 208p.
- LANDOW, George. *Hypertext: the convergence of contemporary critical theory and technology*. Texto disponível em: <http://www.cyberartsweb.org/cpace/ht/jhup/contents.html>. Acesso em: 17 abr. 2010.
- LEÃO, Lúcia. *O Labirinto da hipermídia. Arquitetura e navegação no ciberespaço*. São Paulo: Iluminuras/Fapesp, 1999. 158p.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* Trad. Paulo Neves. São Paulo, Editora 34, 1997. 160 p.

\_\_\_\_\_. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999. 264p.  
STEINER, George. *Nenhuma paixão desperdiçada*. Trad. Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Record, 2001. 420p.